Negritude e infâncias: Eu sei que meu cabelo é preto e que sou marrom!

Joana Oliveira

> *A gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, dentre outras, mas tornar-se negra é uma conquista.*
>
> Lélia Gonzalez

O presente fragmento é parte da minha dissertação de mestrado defendida em setembro de 2021. Costumo dizer que a dissertação "Negritude e classes populares: Fios e desafios do diálogo entre professora e crianças na escola pública" foi uma pesquisa que me reconectou com a menina Joana que fui. A menina que fui me encorajou a assumir a mulher preta que sou e a fortalecer a minha negritude. Esse processo de (re)conhecimento aconteceu por conta dos encontros com as crianças com as quais trabalhei. Um deles aconteceu no ano de 2015, na Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI), na minha primeira experiência como professora regente. Trabalhava com um grupo de crianças, com 15 crianças com idade entre 3 e 5 anos e onze meses encontrei três crianças negras. Observei que nas brincadeiras e interações cotidianas os pequenos expressavam desconforto, inquietações e até resistência com relação à cor de suas peles, à textura dos seus cabelos. Instigada pelas questões que aquelas três crianças levantavam, planejei momentos de experiências e atividades visando despertar os pequenos com relação à sua identidade e investigar como as demais crianças se reconheciam.

Comecei a observar com um olhar mais atento uma menina de 5 anos. Menina preta de cabelos crespos e pretos que muitas vezes chegava ao espaço da Educação Infantil com uma blusa na cabeça

para simular um longo cabelo liso. O encontro com a pequena menina despertou minhas memórias de infância. A menina que fui também fazia de vários tecidos os seus cabelos longos e por vezes loiros, mas brincava, em casa, distante dos olhares alheios. A menina que encontrei como professora carregava em seu pequeno corpo a ousadia que muitas vezes me faltou.

Em uma manhã estávamos realizando autorretratos e percebi que mesmo com materiais que possibilitavam a sua identificação, na obra, como menina negra, ela não percorreu esse caminho. Diante de suas escolhas comecei a intervir. Conversei com a pequena, olhamo-nos no espelho. Falei minhas características e incentivei que ela ressaltasse as dela. Enquanto conversávamos surgia diante de nós uma imagem que em nada se parecia com a linda criança. Resistindo aos apontamentos que fiz, ela concluiu sua produção, e como se tentasse me consolar usou o seguinte argumento: "Joana, eu sei que meu cabelo é preto e que sou marrom! Lá em casa todo mundo é assim, mas quero me fazer loira de olho azul. Eu quero fazer assim porque é mais bonito."

A opção da criança estava baseada em suas experiências. Na semana anterior ao episódio estávamos no refeitório quando de repente ela saiu chorando. A professora de artes estava no pátio e se aproximou da pequena para saber o que tinha acontecido. Chorando copiosamente ela respondeu: - Eu estava sentada com minhas amigas e elas começaram a brincar de "amigas para sempre", mas não me deixaram brincar porque a minha cor é diferente da delas! A fala da menina revelou para mim que o seu não reconhecimento como negra aparece como uma dor de quem entendeu, com apenas 5 anos, que a diferença que nos constitui, ou seja, as marcas de nossa negritude impressas em nossos corpos, nossos cabelos e traços muitas vezes são utilizadas para nos desqualificar, para nos excluir.

A menina que encontrei no espaço de Educação Infantil sabia que a imagem que contemplava refletida no espelho em nada se parecia

com ela - "eu sei que sou marrom"-, mas cansada de ser excluída e invisibilizada por suas colegas compreendeu que precisava se ajustar ao padrão hegemônico de beleza, assim, "ser loira de olhos azuis" a tornaria aceita. Instigada por essa dor que conheço bem, tracei estratégias pedagógicas para desconstruir tanto a visão da pequena a respeito dela, quanto o pensamento das demais crianças não negras daquele cotidiano. Era preciso que ela pudesse aprender a arte e a prática de amar-se, o que só aprendi quando adulta, pois cresci acreditando que era parda como consta na minha certidão de nascimento. Por muitos anos me reconheci como morena, pois ouvia isso das pessoas mais próximas a mim.

Como professora pesquisadora preocupada com as aprendizagens das crianças, segui na busca pela afirmação de nossa identidade. Para além de ter a negritude representada, por meio da minha figura, busquei levar outras referências negras que deslocassem a visão de negro como "ruim e feio" para a beleza e potência. As princesas, as rainhas e guerreiras africanas com seus cabelos trançados e seus turbantes, encorajaram a pequena a se olhar mais vezes no espelho e gostar do que via. Ela buscava tecidos para fazer suas próprias amarrações de turbantes.



Para retratar as diferentes tonalidades de nossa pele construímos, com tinta guache, nossa paleta de cores. No final do ano a criança já se retratava como negra e nas pinturas em tela buscava pintar seu corpo com riquezas de detalhes. Buscava o marrom mais próximo a sua cor. Experimentamos muitas vezes até conseguirmos a tonalidade que a representou dignamente. Os cachos de seus cabelos pretos foram retratados em um quadro que ela

deixou de presente para a instituição.

Quando contemplo a obra realizada pela criança percebo a importância da minha ação enquanto professora. A construção da paleta de cores também foi pensada a partir das minhas experiências particulares, das memórias da menina Joana que nas caixas de lápis de cor ou giz de cera nunca encontrou uma cor que a representasse. Na minha ação como professora daquela menina precisava proporcionar experiências diferentes. Aprendi com a menina do autorretrato que a capacidade de conhecer e afirmar a negritude é um processo longo, por vezes, doloroso, mas muito encantador e urgente.

Fragmento realizado a partir das reflexões presentes na dissertação Negritude e classes populares: Fios e desafios do diálogo entre professora e crianças na escola pública (Joana Paula S. G. de Oliveira, 2021)